



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Artes - IdA  
Departamento de Artes Visuais - VIS

**Uma interpretação dos contos de fadas sob análise dos Estudos da Cultura Visual:  
abordagem acerca de representações e papéis atribuídos às mulheres**

Beatriz Abreu Ramos

Brasília

2019



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Artes - IdA  
Departamento de Artes Visuais - VIS

BEATRIZ ABREU RAMOS

**Uma interpretação dos contos de fada sob análise dos Estudos da Cultura Visual:  
abordagem acerca de representações e papéis atribuídos às mulheres**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciado em Artes Visuais pelo Instituto de  
Artes Visuais da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Fernando Inocencio  
Silva

Brasília

2019

Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Artes - IdA  
Departamento de Artes Visuais - VIS

BEATRIZ ABREU RAMOS

**Uma interpretação dos contos de fada sob análise dos Estudos da Cultura Visual:  
abordagem acerca de representações e papéis atribuídos às mulheres**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes Visuais da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Fernando Inocencio da Silva

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Nelson Fernando Inocencio da Silva – Orientador  
VIS/UnB

---

Profa. Dra. Cinara Barbosa de Sousa – Membro Interno  
VIS/UnB

---

Prof. Dr. Luiza Günther Rosa - Membro Interno  
VIS/UnB

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais – que sempre me apoiaram nessa jornada –, ao meu noivo – que esteve ao meu lado nos momentos difíceis – e aos meus irmãos – que me acompanharam durante todo o trajeto.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre esteve guiando meu caminho na minha vida. Agradeço, também aos meus pais que sempre me incentivaram nas minhas escolhas e por serem a minha base. Aos meus irmãos que sempre me acompanharam e me ajudaram nesse período de curso. Agradeço ao meu noivo que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis e alegres. E por fim, agradeço ao meu professor Nelson Fernando, que me ajudou com seu conhecimento a tornar tudo isso possível, agindo com compromisso e paciência.

Obrigada!

## **RESUMO**

O presente trabalho busca analisar criticamente a representação do corpo feminino nos contos de fadas recontadas por Charles Perrault que cooperam para a legitimação no papel de submissão da mulher, ilustradas por Gustave Doré. O intuito também é o de compreender como o poder da imagem no âmbito da cultura visual que partilhamos pode expressar as relações de gênero e sexualidade, as quais explicitam o comportamento predominante da sociedade brasileira e sua correlação com as ilustrações dos contos aqui abordados.

Palavras Chaves: Contos de Fadas, Feminismo, Cultura Visual, Sexualidades

## MEMORIAL

Nasci no dia 23 de Janeiro de 1996 na cidade de Taguatinga, Distrito Federal. Cresci em uma área rural, em que lá pude ter contato com a beleza que o cerrado nos proporciona. Uma infância de muitas brincadeiras com meus primos que sempre passavam suas férias na chácara. Mas também foi morando neste lugar que descobri que as pessoas podem ter qualidade e defeitos, ou até mesmo permitirem que os defeitos se sobreponham as qualidades.

Eu era apenas uma criança bastante reservada, passava horas apegadas a livros e filmes de contos de fadas, era um momento em que sentia algo, medo em algumas histórias e esperança em outras, cada uma tinha seu modo de apresentação, mas em todas as mulheres eram representadas nas ilustrações como seres frágeis que buscavam alguém para salvá-las, um corpo tão perfeito de beleza estonteante, eu me imaginava sê-las. Todas as vezes que cada conto iniciava com *era uma vez* me levava a uma intimidade com a história, um momento afetivo em que busco um final feliz onde as feridas do mundo real se esvaem no vento, como um belo convite para uma grande aventura em que eu sempre buscava um final feliz.

Com o passar do tempo fui crescendo e passei a compreender o que se passava comigo, mas o medo e a repressão que sofria eram maiores. Logo, minha atenção pelos contos também, em particular pelas imagens passadas na televisão e pelas ilustrações de livros infantis, apesar de muito bonitas achava estranhas, muitas vezes chegando a ser sombrias. Foi com esse processo de acordar e conseguir entender sobre a minha vida que a magia dos contos de fadas mudou para mim e passei a trazê-las diretamente para o mundo real. Vejo que depositar esperança de outra pessoa para me salvaria, nada mais representava do que mera ilusão. Percebi que como mulher tenho força para estar sempre superando o que a vida me coloca como desafio. Mas me pergunto, esse mundo dos contos de fadas é real? Tudo o que acontece e aconteceu foi real? Porque teve que acontecer? Diante disso meu interesse em pesquisar como essas imagens que são apresentadas pelo contos de fadas se tornam tão vivas em minha mente. No ano de 2016, participei de uma disciplina na Universidade de Brasília, onde me foram apresentados os Estudos da Cultura

Visual, problematizando os modos como absorvemos as imagens que nos são apresentadas cotidianamente.

Compreendi que nós, simples seres humanos, deixamos marcas por onde passamos, sejam elas boas ou ruins e que cada rastro deixado para trás contribui, de alguma maneira, para a constituição de práticas culturais nos contextos aos quais estamos vinculados. Tais práticas evidenciam diferenças e contradições que nos moldam ao longo do tempo, provocando nossas ações, no sentido de transpor fronteiras que limitam expressões das particularidades individuais. Este gesto tende a viabilizar a criação de novas narrativas por intermédio das imagens. Ainda que exista um “fim” estabelecido por autoras e autores, sempre haverá a possibilidade de novas interpretações.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 Cultura Visual.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Cultura visual e educação.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 Gênero e sexualidade na cultura visual: representação do feminino.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 Os contos de fadas.....</b>	<b>19</b>
<b>2.3.1 Cinderela.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3.2 Chapeuzinho Vermelho.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3.3 Bela adormecida do Bosque.....</b>	<b>25</b>
<b>2.3 O corpo feminino nos contos de Fadas.....</b>	<b>27</b>
<b>2.4 O Feminismo.....</b>	<b>31</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>35</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>38</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Seu pezinho calçou o sapato sem a menor dificuldade.....	22
Figura 2- Chapeuzinho encontra o lobo.....	24
Figura 3- Ela surpreendeu-se com a aparência da vovozinha.....	25
Figura 4- Deitada no leito havia uma princesa de radiante beleza.....	26
Figura 5- O príncipe seguiu uma ampla alameda, em cujo final achava o castelo.....	28
Figura 6- Sua madrinha, ao vê-la em lágrimas, quis saber o que tinha acontecido.....	30
Figura 7- Como ela é bela!.....	33
Figura 8- O fuso espetou-o na mão e caiu desmaiada.....	34

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa teve como objetivo geral analisar criticamente os contos de fadas partindo do universo da cultura visual, sobre, “Chapeuzinho Vermelho, Cinderela e a Bela Adormecida do Bosque, escrito por Charles Perrault, e ilustrado por Gustave Doré que desenvolvem um formato de apresentação fantasioso e lúdico mas que passam a afetar diretamente a representação do corpo feminino, assim contribuindo para uma problemática construção identitária das mulheres no âmbito das sociedades ocidentais e ocidentalizadas.

Desde muitos séculos os contos de fadas são disseminados em diversas sociedades, baseadas nas necessidades do ser humano, estimulando a imaginação de jovens e adultos. Vivemos em um mundo no qual as imagens representam o conhecimento em relação à sociedade. É o conhecimento que se tem muitos conteúdos para se apresentar em uma única imagem, por serem precisas se mostrou ricas por oferecer um conteúdo. “A visão estabelece nosso contato com o restante do mundo, se apresentando antes das palavras e da escrita, nunca estamos olhando apenas uma coisa, e sim tudo que está nossa volta” (BERGUER, 1972, p.6).

O estudo da cultura visual parte de mais de um campo de interesse buscando mais campos de estudos, a profundidade que a visualidade nos permite ampliar a comunicação em massa das imagens por ilustrações em livros, fotografias e outros meios que nos é oferecido. O uso das imagens na educação em cultura visual, vem se diversificando mais através dos tempos dentro da sociedade, vai se adaptando seus objetos de investigação de acordo com a proposta de determinados públicos, para conseguir alcançar os mais diversos meios, tornando as imagens interdisciplinar (HERNÁNDEZ, 2001).

“Os contos de fadas cabem ao sistema de ideias e imagens que dá significado à realidade, interagindo com a existência no mundo pela forma em que é apresentada. Compõem o universo de criação e fantasia das crianças, mais especificamente meninas, em que seus personagens caminham numa trama que termina com um final feliz ou infeliz, dependendo do papel social de cada um”. (MENDES, 2000)

Mas como se pode notar nos contos de fadas Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e Bela Adormecida do Bosque de Charles Perrault, os papéis femininos sempre

ganham um grande destaque, seja elas, as princesas, as bruxas ou as fadas, habitualmente estão presentes destacando os corpos femininos (MENDES, 2000).

Os contos de fadas escolhidos de Charles Perrault para análise nesta monografia foi devido sua grande popularidade na área de publicação, em Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e a Bela Adormecida do Bosque, percebe-se como são desenvolvidas a sua relação de gênero e sexualidade. As mulheres na sociedade ocidental são marcadas por trajetórias nas quais preconceito e discriminação estão constantemente vinculados aos seus percursos. Por muito anos, as representações sociais das mulheres foram forjadas pelo poder indulgente e marcadas por muitas segregações fundamentadas nas diferenças de gênero. Apesar dos avanços que vem acontecendo, as mulheres ainda são estereotipadas como donas de casa, mães e devotas do lar.

Diante das diferenças que se apresentam como as raízes sociais e históricas das questões de gênero, como as polarizações homem/mulher, cultural/natural, pode se perceber que a divisão binária entre o que é determinado como masculino e feminino é socialmente construída, assentada em padrões básicos que se multiplicam e vão sendo incorporados pela grande maioria das pessoas. As crianças, quando estão no processo de aprendizagem sobre o mundo à sua volta, sobre elas mesmas e sobre os outros, vão sendo expostas a estes discursos por meio de mecanismos diversos, tendo como uma das referências entre outros, não só os contos de fadas. (ALOS, 2011, p. 424). O papel da mulher disseminada na sociedade pelos homens é o resultado de colocar a mulher como um ser a margem da sociedade, a um papel de submissão, devendo se contemplar apenas nos papéis domésticos em que lhe é imposto. Afirma Berguer:

Homens agem e mulheres aparecem, homens olham para mulheres. As mulheres se contemplam enquanto estão assistindo. Isso determina não apenas a maioria das realizações entre homens e mulheres, mas também a realização das mulheres consigo mesmas. O supervisor que leva a mulher para dentro é do sexo masculino: a supervisionada é feminina. Dessa maneira, ele se torna um objeto, e particularmente um objeto visual, em uma visão. (BERGUER, 1972, p. 27)

Com base em todos os temas já supracitados, o objetivo dessa pesquisa busca analisar as imagens nos contos de fadas, com base no estudo da cultura visual, problematizando o uso do corpo da mulher, pelas diferenças de gêneros geradas pelas imagens.

## 2 CULTURA VISUAL

A cultura está associada às crenças e significações que o ser humano utiliza para sua existência. A ação dos indivíduos é despertada de acordo com a construção de significados, resultando na manifestação da cultura. Diferentemente dos demais o ser humano não vive baseado apenas em seus instintos por serem capazes de pensar dentro da sua realidade no mundo e reconstruir novos significados para o seu desenvolvimento.

“Assim como nosso ancestral que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve de aprender e construir conhecimentos para difundir essa prática, nós também precisamos passar por processo semelhante. E, da mesma maneira, compartilhar com as outras pessoas o que aprendeu.”  
(BRASIL, 1998, p. 20)

A cultura ocidental moderna antepõe a visão como o primeiro meio a comunicação, pois a comunicação visual se baseia no estudo das imagens produzidas para um melhor entendimento de símbolos, gerando um sentimento ou uma ideia em quem visualiza a imagem. Como afirma Berguer (1972), “Ver precede as palavras. A criança olha e reconhece, antes mesmo de poder falar”, pois a visão abre as portas para se ter o primeiro acesso com o mundo externo, pois a visão é colocada como um dos mais importantes sentidos no corpo. (BERGUER, 1972, p.5).

A significação das imagens se define pela forma de ver, nos contos de fadas, as ilustrações transmitem comunicação visual interagindo com o sujeito. Cada pessoa passar a ver a partir do seu lugar historicamente, ideologicamente, psicologicamente e culturalmente estabelecido, assim induzindo a interpretação das imagens, como afirma John Berger:

O que sabemos ou o que acreditamos afeta a maneira como vemos as coisas. Na idade média, quando os homens acreditavam na existência física do inferno, a visão do fogo certamente significava algo muito diferente do que significa hoje. No entanto, sua ideia do inferno deveu-se muito a visão do fogo que ele consome e as cinzas que restam, bem como a sua experiência das queimaduras dolorosas. (BERGUER, 1972, p.5)

A experiência visual se torna um fenômeno que abrange uma grande diversidade no mundo das imagens, inclusive as ilustrações nos contos de fadas, que

representa um processo de diversas visualizações e modelos que se caracterizam sobre suas problemáticas, interrogando o papel das ilustrações que podem ser comparadas a produção cultural das imagens que são perpassadas.

“Nessa perspectiva, importa, sobretudo, não tomar a visão como dado natural e questionar a universalidade da experiência visual. Trata-se de abandonar a centralidade da categoria de visão e admitir a especificidade cultural da visualidade para caracterizar transformações históricas da visualidade e contextualizar a visão”. Kanauss (2006, p. 107)

Tal aspecto traz refletir acerca de como o universo visual tem suas representações estabelecendo o modo de ver para que se possa examinar as desigualdades sócias encontradas nas imagens dos contos de Perrault leva a que compreendem na construção cultural dentro de diversas sociedades.

Os Estudos da Cultura Visual estão ligados diretamente aos processos culturais e sociais, visando entender os diversos aspectos visuais presentes no contexto em que interagimos que inquietam a mente do ser humano. Os referenciais desta vertente teórica conecta-se a outras áreas, a exemplo da Antropologia, História da Arte e dos Estudos Culturais. Nas artes visuais o conceito de Cultura Visual é utilizado para a interpretação da produção imagética que afeta visualmente o ser humano em sua vida cotidiana. O mundo das imagens expressa nossa forma de pensar e viver, se apresentado como cultural-social (DIAS, 2011, p.50).

A ideia sobre o estudo da cultura visual aponta várias construções nas práticas de olhar que para interpretar as imagens socialmente e culturalmente, trazendo diversas interpretações e compreendendo múltiplas identidades (GUASCH, 2003). Levando esse pensamento para os contos de fadas a representação das imagens ilustradas a partir dos contos de fadas, ainda não foram apontadas, refletem uma alienação da relação com a pessoa que está vendo, impactando na representação do feminino, trazendo desigualdades de gênero. Guasch destaca que:

Este passo na história da arte à história das imagens após desenvolvimentos teóricos e metodológicos compartilhada por outras disciplinas, como a literatura, refere-se a um tipo de conhecimento comprometido pelas atitudes e valores envolvidos na produção das imagens. Essa mesma ênfase na "interpretação" invoca outra noção especialmente reveladora: a noção semiótica de representação, pela qual cada imagem que

conta não é o conceito de semelhança ou mimese, mas a estrutura do discurso semiótico pelo qual cada trabalho contribui para estruturar o ambiente cultural e social em que está localizado, em uma opção desejada longe de uma história social tradicional das conotações marxistas. (GUASCH, 2003, p. 12)

As imagens vão além das aspirações tradicionais de compreender o mundo o mundo buscando sua aproximação com que está vendo. Buscando incluir as visualidades que afetam os seres humanos. Devido suas milhares de possibilidades que se apresenta, como em livros, televisões, revistas, jornais. Portanto a distribuição das imagens transforma tudo a sua volta por produzirem visualidades que se multiplicam na sociedade (DIAS, 2011).

## **2.1 Cultura visual e educação**

O uso das imagens começa a ser um reflexo do que vivemos no dia a dia, passando a explorar e interpretar a realidade, se transformando e modificando com as práticas culturais, mudando as formas de criação artística, a representando-se de maneira mais breve. Nos dias atuais pesquisadores com seus interesses voltados para educação estão sempre buscando respostas do que vem acontecendo na sociedade em que vivem. Investigam o que pode estar afetando na construção da identidade de crianças e adolescentes, por esse motivo os contos de fadas devem se constituir em um dos fragmentos do conhecimento interdisciplinar que pode estar configurando as complexidades do tipo de visão de mundo que as ilustrações mediam em questões fundamentais a compreensão de si mesmo, por meio das suas experiência. Afirma Hernández:

Hoje, um professor ou qualquer pessoa interessada em educação quer entender o que está acontecendo no mundo em que ele vive e, acima de tudo, que ele tenta abordar o que afeta a construção da identidade de crianças e adolescentes não pode ser limitada «a conhecer o assunto »ou ter conhecimento de psicopedagogia. Sim em todos os campos da sabe, o problema dos limites e deslizamentos de terra é uma questão que está na ordem do dia; sim vivemos em uma sociedade de complexidades em que, pela primeira vez na história, descobrimos que o ciclo de renovação do conhecimento é mais curto que o ciclo da vida do indivíduo; se as



identidades forem configuradas com base em fragmentos e emergências, não haverá apenas um repensar absoluto do sistema educacional, mas apropriar-se de outros conhecimentos e outras maneiras de explorar e interpretar a realidade. Conhecimento que ajuda a entender o que emergindo e mudando e para entender a nós mesmos e ao mundo em que vivemos, tanto para professores como alunos (da educação infantil à universidade). (HERNÁNDEZ, 2001)

A educação da cultura visual representa os principais elementos que venha estimular a imaginação e consciência sobre o social. Desenvolvendo o papel de fala para que se possa trabalhar a posição de crítica dentro dos aspectos que adotam seu lugar de fala. Os seres humanos buscam novas ideias e elementos que vão sendo distribuídos dentro da sociedade. Dias, afirma:

Contudo, não se trata somente de buscar uma definição possivelmente imparcial para as coisas, pois isto não existe, não tem permanência. As definições dos termos e seus usos são políticas, elas carregam uma carga de contexto, abrigam lutas de poderes e de conhecimentos. Utilizar uma determinada nomenclatura significa adotar uma instância um artifício para definir a priori sua localização, sua articulação de fala, e seu discurso. Não se trata de obrigação de conceituar, ou compreender a arte ou a arte-educação de maneiras diferentes. No entanto, devido as condições em que vivemos na contemporaneidade não temos condições de nos aproximarmos dos artefatos da visualidade e suas práticas educativas sem levar em conta a complexidade de sua nomenclaturas. Ou seja, atualmente vivemos num mundo fragmentado e com muitas temporalidades comprimidas num mesmo espaço. (DIAS, 2011, p. 54)

Os novos objetos da investigação transdisciplinar da cultura visual dentro da educação se refletem no presente momento da sociedade através de modelos de pensamentos sobre a diferença do sexual e cultural. Averiguando com mais profundidade as novas linguagens que são propostas, pois utiliza outros meios para seus critérios de seleção baseados em seu determinado público apresentando formas alternativas que se tem mais presença na vida das crianças e adolescentes por refletirem nos seus processos culturais.

A cultura visual e educação se transforma em uma conexão entre os conhecimentos, passa do ato de compreender e aprender para o ato de transferir as

novas aprendizagens para fora da escola, buscando novas estratégias de proporcionar uma nova compreensão do universo visual segundo as características sociais, culturais e históricas, baseados dentro da realidade (HERNÁNDEZ, 2001).

## **2.2 Gênero e sexualidade na cultura visual: representação do feminino**

A representação de gênero e sexualidade dentro da cultura visual, passa a se evidenciar para argumentar sobre temas que envolvem a diversidade a multiplicidade das práticas culturais. A relação da mulher com a arte, partiu das críticas feministas por ter a ausência de mulheres artistas, passando a recordar a importância da mulher dentro da história da arte. Nos contos de fadas o corpo feminino sempre esteve relacionado a beleza, por serem registrados por homens, como nos contos de Charles Perrault, que detalha em sua inscrite a beleza do feminino, e a ilustração de Gustave Doré que parte da inspiração nos trechos dos contos de fadas, ressaltando o desejo do homem em relação do corpo feminino. Dias destaca que, “as principais linhas de pesquisa eram: a ausência da mulher no cânone ocidental da arte e a exploração das características básicas de sensibilidade estética feminina.” Logo, o corpo feminino é ilustrado no contos e moldado pelos homens dentro do cotidiano da sociedade ocidental (DIAS, 2011).

Ao caracterizar as diferenças das categorias de sexo se remete ao ser biológico, ou seja, entre macho e fêmea de determinadas espécies. Mas quando se fala em gênero, se parte de uma conjunto de significados sociais, que traça a identidade do ser humano e de valos dentro do social, marcado como o ser homem e ser mulher. O sexo e o gênero passam a ser compreendido como binário, uma construção social que existem a mulher-feminino e o homem-masculino. Ao questionar o binário de gênero, surge a desigualdade social, econômica e política, entre o ser homem e ser mulher (ALOS, 2011). A identidade das pessoas que não se encaixam dentro desse dualismo fixo de gênero binário, são colocados as margens da sociedade, como abjetos, condição de pessoas marginalizadas, que não pertencem ao mundo das imagens como algo normal, como por exemplo, mulheres que são masculinas, passando a fugir da normalidade que é colocada pelo dualismo do binário e

representada nos contos de fadas de Perrault. Como destaca Kristeva sobre o ser abjeto:

Quando eu sou invadida pela abjeção, esse emaranhado feito de afetos e de pensamentos, que assim chamo, não possuí, propriamente falando, um *abjeto* definível. O abjeto não é um ob-jeto diante de mim, que eu nomeio e imagino. Não muito menos esse ob-jetiado [ob-jeu], pequeno “a” em fuga indefinidamente na busca sistemática do desejo. O abjeto não é o meu correlato que, oferecendo-me um apoio sobre qualquer um outro ou qualquer coisa outra, permite-me ser, mais ou menos, destacada ou autônoma. Do objeto, o abjeto tem somente uma qualidade – aquelas de se opor ao *eu*. Mas se o objeto, fazendo oposição, me desequilibra na trama frágil de um desejo de sentido que, de fato, homologa indefinidamente, infinitamente a ele, o *abjeto*, pelo contrário, o objeto baixo, é radicalmente um excluído e me lança lá onde o sentido desmorona. (KRISTEVA, 1980)

A teoria de gênero oferece uma compreensão de um mundo que os corpos compõem uma diversidade humana. As pessoas não deixam de ser menos reais por suas identidades mais complexas que deixam de caber dentro de um binário fixo (ALOS, 2011).

### 2.3 Os Contos de Fadas

Os contos de fadas têm origem em tempos remotos e nem sempre se apresentaram como os conhecemos, repassados por mulheres mais velhas para o ensinamento, mesmo que fossem usados como meio de educar as crianças as histórias tinham conteúdo sobre adultério, canibalismo, e incestos. Que narravam grandes histórias sobre homens bravos que salvavam seus reinos (SCHNEIDER; TORSSIAN, 2009). O aspecto fantasioso e lúdico que hoje os envolve surgiu da necessidade de minimizar enredos controversos e polêmicos, próprios recheados de uma época em que a civilização ainda não havia inventado o conceito que hoje conhecemos tão bem: a infância. Diminuindo as linguagens violentas que era passada, por desenvolver a negatividade do pensamento infantil, mas não deixando sua essência desaparecer os contos ainda apresentam um lado sombrio em suas histórias. E com a descoberta da infância passam a sofrer alterações, para que se

possa suprir a necessidade das crianças, bem como sua vida imaginária. (ARIÈS, 1981, p. 11).

Hillesheim (2006) coloca que os contos, desempenham as configurações no imaginário infantil, em que a irracionalidade, inocência agem sobre o controle dos corpos infantis, levantando ao estranhamento dos contos. Por terem sua própria magia de envolvimento e observam a sua relevância meninas são instigadas pelos contos de fadas de diversas formas, e em principal para a criação de sua própria identidade.

A possível imagem de bondade e fragilidade que é transmitida nas ilustrações são absorvidas pelas crianças; assim como outros referentes podem compor as construções de transpassadas para sua vida real, em sua identidade e gênero que busca algo para se espelhar. A partir da sua possível influência na identificação de gênero das crianças, o estudo, sobre os contos de fadas e as relações de gênero, traz valor, podendo explanar e problematiza-los, por apresentar uma educação com desigualdades de gênero e sexualidade. Os contos são capazes de fortalecer a imaginação das crianças de acordo com suas experiências de vidas. Pois nos contos de fadas são estilizados por apresentarem ferramentas e mecanismos de natureza simbólica a partir de suas ilustração, desempenham funções estimulam acesso aos nossos desejos e anseios, reforçando padrões de repressão sexual, que em momentos oportunos surge com manifestações dos conteúdos sexuais nas histórias de contos. Para Chauí

Poderíamos considerar que numa sociedade como a nossa, que de sacralizou a realidade e eliminou quase todos os ritos, os contos funcionam como espécie de "rito de passagem" antecipado. Isto é, não só auxiliam a criança a lidar com o presente, mas ainda a preparam para o que está por vir, a futura separação de seu mundo familiar e a entrada no universo dos adultos. Do ponto de vista da repressão sexual, os contos são interessantes porque são ambíguos. (CHAUÍ, 1984, pág. 32-54)

Segundo Bettlheim, os contos de fadas se tornaram essências na formação da identidade das crianças, pois ajuda em sua imaginação, mostrando a diferença entre o real e o irreal, em sua vida. Ajudando também a minimizar situações de conflitos em sua vida.

Os contos de fadas deixam à fantasia da criança o modo de aplicar a ela mesma o que a história revela sobre a vida e a natureza humana. O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para ela. Ela pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e pontos de vista adultos. Uma criança confia no que o conto de fada diz porque a vida de mundo aí apresentada está de acordo com a sua. (BETTELHEIM, 2002 p. 47).

Com o tempo os contos se tornando fundamentais na vida infantil, passando por modificações dentro de suas histórias, fazendo com que a criança passasse a visualizar as problemáticas transmitidas em suas histórias, de acordo com os seus problemas íntimos em que vive, se apropriando da representação simbólica dos personagens (BETTELHEIM, 2002).

### **2.3.1 Cinderela**

Cinderela ou O Sapatinho de Cristal e também conhecido como Gata Borralheira é um dos contos mais conhecidos. Resumindo, a história relata a vida de uma bela jovem, a Cinderela, filha de um viúvo rico que se casou com outra senhora, também viúva, que tinha duas outras filhas. Porém, sua madrasta e suas filhas maltratam Cinderela. O conto de Cinderela sofreu alterações de autor para autor, de época para época, e em variadas versões. Na versão de Perrault, há uma fada madrinha que usa uma varinha mágica para transformar os trapos de Cinderela em belas roupas e seu calçado em um sapatinho de cristal no qual foi ao baile. Porém, ao soar meia noite, correu para sua carruagem deixando seu sapatinho para trás. O príncipe moveu o reino todo em busca da moça de havia perdido o sapatinho e todas as moças solteiras deveriam calçar, o pé que servisse seria a bela moça que dançou com ele no baile (Figura 1); no final da história ela não se vingou das irmãs maldosas (CONTOS, 2013, p. 111-125).

Percebemos que em Cinderela os papéis femininos estão bem delimitados. De um lado, temos aquele bem representado por Cinderela, submissa, dócil, virtuosa e prendada, incapaz de apresentar qualquer sinal de rebeldia; na extremidade oposta, o mal é representado pela madrasta e suas filhas, que fazem de tudo para alcançar seus

objetivos. O papel de Cinderela como passiva e/ou submissa remete-nos à crença de que a mulher, para ser feliz, precisa sujeitar-se às ordens e imposições, esperando que forças mágicas e exteriores (fada madrinha, por exemplo) lhe auxiliem e a guiem até ao príncipe – homem sempre forte e seguro que representa a salvação, libertação e felicidade. (PEREIRA, 2018, p. 343)

**Figura 1- Seu pezinho calçou o sapato sem a menor dificuldade.**



Fonte: Gustave Doré – Cinderela.

### 2.3.2 Chapeuzinho Vermelho

Na narrativa de Charles Perrault, Chapeuzinho Vermelho, conhecida também como Chapeuzinho Cor de Fogo. Quando ainda não havia a preocupação em adaptar os contos recolhidos da tradição oral, não existia a figura do Caçador (figura que surge para salvar a menina e sua avó de um possível final trágico). Chapeuzinho Vermelho era colocada como uma bela menina, um certo dia sua mãe lhe pediu para levar bolos a sua avó que estava adoentada. “Ao atravessar a floresta, ela encontrou o Sr. Lobo, que ficou louco de vontade de come-la; não ousou fazer isso, por causa de alguns lenhadores na floresta” (CONTOS, 2013), demonstrando a fragilidade e inocência, uma menina nova que ainda não tinha nome (Figura 2), apenas anos depois é colocado um nome, de Nicette. O Lobo retratado na história, come a Chapeuzinho Vermelho e sua avó, “Perrault, porém, tem-no como um frequentador das trilhas das florestas ao redor de Paris, um vagabundo que conhece as aldeias e os seus habitantes”. Logo, o lobo pode ser associado aos homens que estão à espera de uma menina inocente para realizar suas perversidades, seja ele representado como um homem ou um cão. Após falar com chapeuzinho o lobo sai correndo na frente para chegar primeiro a casa da vovó, enquanto a menina vai parando durante o caminho para colher flores do campo, quando o lobo bate na porte fingindo ser a chapeuzinho, a vovó diz para abrir, então é surpreendida pelo lobo que a devora e se deita em seu lugar. Ao final da história, a menina deitava-se (Figura 3) ao lado o lobo e morria devorada por ele (CONTOS, 2013).

A relação com a sexualidade no conto está associada ao prazer dos elementos apresentados, no qual são desenvolvidos. Quando se utiliza Chapeuzinho Cor de Fogo, é como uma metáfora que se refere ao sexo, pela cor de sua capa ser vermelha, colocada como a cor do amor. Dentro da história existem duas figuras masculinas: o lobo, sedutor e perverso que não mede esforços para realizar suas maldades; o lenhador, apresentado como o bom homem e forte que salva a Chapeuzinho e sua avó que foram devoradas pelo Lobo (CHAUÍ, 1984, p. 35).

**Figura 2 – Chapeuzinho encontra o lobo**



**Fonte: Gustave Doré – Chapeuzinho Vermelho.**



**Figura 3 – Ela surpreendeu-se com a aparência da vovozinha.**



**Fonte: Gustave Doré – Chapeuzinho Vermelho.**

### **2.3.3 Bela Adormecida do Bosque**

A Bela Adormecida do Bosque é um dos contos que apresenta uma grande poesia em sua história. Em resumo, conta-se a história de uma bela, inteligente e feliz princesa que fora enfeitiçada em seu próprio batizado, quando ainda criança. Os pais da jovem Aurora se esquecem de convidar uma fada para o evento e, como vingança, ela lança um feitiço sob a princesa – quando alcançasse determinada idade, espetaria o dedo em uma roca e morreria. Entretanto, outra fada tenta contornar a situação e determina que ela não morreria, apenas cairia em sono profundo e só despertaria com o beijo do amor verdadeiro. Tentando solucionar o problema, o Rei ordena que todas as rocas do reino sejam guardadas em um lugar secreto e seguro. Mas não teve êxito, Aurora chega à idade da maldição, fura seu dedo mesmo assim e cai em sono profundo. Outro feitiço é lançado e todos do reino caem no sono, e o lugar fica coberto por árvores, espinhos e criaturas perigosas. Um príncipe, certo dia estava passando pelo bosque e avista o castelo. Entrando no castelo avista criados e

soldados adormecidos, subindo as escadas encontra uma linda princesa (Figura 4) em sono profundo. Ele a beija e ela ao acordar pergunta, “é você, meu príncipe? Você me fez esperar muito”, momento em que se pode notar a espera da mulher por um homem para que pudesse perder sua maldição. Na história eles tiveram dois filhos Aurora e Die, mas o príncipe teve que retornar ao seu reino para realizar suas tarefas, não teve coragem de contar aos seus pais que havia se casado e tinha dois filhos, pois sua mãe vinha de uma família de ogros que comia crianças. Mas certo dia seu pai morreu e teve que assumir o trono, quando criou coragem de contar sobre seus filhos e esposa, levando-os para seu reino. Mas um dia teve que viajar para realizar compromissos como rei e sua mãe tramou a morte de sua família, mas o criado enganou a rainha. Um dia a rainha descobriu e ordenou que os jogassem dentro de um fosso cheio de bichos, mas o rei chegou nesse momento e a própria rainha se jogou tirando sua própria vida (CONTOS, 2013, p. 87-109).

**Figura 4 – Deitada no leito havia uma princesa de radiante beleza.**



**Fonte: Gustave Doré – A Bela Adormecida do Bosque.**

Nesse conto de Perrault é colocado de forma bem visível a diversidade de gênero do homem e mulher, separados por cumprir sua função social que envolve a vida dos corpos. Trazendo esperança para a mulher por meio dos sonhos, que mais uma vez reforça os estereótipos sobre a masculinidade e a feminilidade, nos padrões que são posicionados para orientar a crianças sobre como deve ser a vida real (CHAUI, 1984).

## **2.4 O Corpo feminino nos contos de Fadas**

Charles Perrault (1628-1703) foi o primeiro autor no século XVIII a modificar as histórias para que as crianças pudessem ter acesso. Ouvia histórias em que contadores populares transmitiam e as adaptava para os palacianos franceses, mas passou a descrever muitos detalhes em suas histórias (CONTOS, 2013). Nesse mesmo período, na atual Europa, estavam ocorrendo grandes conflitos religiosos entre católicos e protestantes, sendo conhecida como época da contrarreforma católica. Por esse motivo Perrault passou a diminuir em seus contos passagens que mencionam sobre a cultura pagã que era popular na época e insinuações sobre sexualidade. Passou a utilizar nesses primeiros escritos a construção degenerada do imaginário sobre os detalhes do corpo feminino.

As mulheres e as personagens femininas das histórias infantis foram se tornando passivas, submissas, dóceis e assexuadas. Como "Cinderela", "Chapeuzinho Vermelho" e "A Bela Adormecida". Em Algumas histórias as mulheres são até fadas que realizam mágicas e desejos, mas a mensagem central nos contos não é a do poder feminino, e sim da impotência da mulher dentro da história, como um ser que precisa de um homem para ser feliz e realizada na vida.

A identidade social de homens e mulheres, é apresentado portando atribuições de seus papéis como o homem forte e valente que sempre cuida de sua família e da mulher como alguém que deve seguir os padrões de beleza para estar bem consigo mesmo, ser uma pessoa amável, ser dona de casa e possivelmente mãe. Assim a sociedade por meio de estratégias como a dos contos, coloca para que ambos os sexos possam cumprir essas diretrizes. As representações da mulher e homem, apresentadas ao longo dos tempos, foram realizadas pelo olhar masculino, e,

consequentemente, as representações sociais e sua relação com o poder que o homem detinha, contribuindo para produzir a alteridade e a identidade feminina para as próprias mulheres. Apresentando então divisão sexual, em que os papéis sociais são bem evidentes em termos de poder (TEDESCHI, 2012). Assim como é apresentada na história da Bela Adormecida do Bosque, que somente um príncipe, forte e virtuoso poderá salva-la (figura 5). O homem apresentado é o único que tem o poder para tirar a maldição.

**Figura 5 – O príncipe seguiu uma ampla alameda, em cujo final achava o castelo.**



**Fonte: Gustave Doré – A Bela Adormecida do Bosque.**

Cinderela é um dos contos que apresenta bem essa situação em que as mulheres da história apenas cuidam da administração da casa, de cuidar da família para servir sua madrasta e suas meias irmãs, que a coloca em uma situação de desqualificada e não tendo prestígio nas coisas que realiza, passando por medos de não conseguir mostrar seu encantos para o restante do reino, principalmente no baile em que o príncipe irá escolher uma mulher para se casar. A madrasta coloca Cinderela para manter a casa organizada e deixar todo o ambiente em ordem, realizando trabalhos braçais, destacando-a como uma bela mulher que realizar todos os trabalhos que são mandando, sem reclamar nenhuma ordem. Estando a espera de um casamento que poderá lhe salvar um dia da vida de borralheira, como suas meias irmãs a chamavam (PEREIRA et al., 2018).

O homem, ao contrário, é poderoso. Não só dirige todo o reino, como também tem o poder mágico de despertar a heroína do sono profundo com um simples beijo. Além da impotência de lutar por si própria, comum às principais heroínas, Cinderela é enaltecida por ser explorada dia e noite, trabalhando sem reclamar e sem se rebelar contra as injustiças feitas por sua madrasta. Padece e chora em silêncio sempre que maltratada, mas sua madrinha a ajuda para que possa ir a festa (Figura 6). Seu comportamento sofrimento, é mostrado como parte do treinamento para se tornar a esposa submissa ideal para o homem.

**Figura 6- Sua madrinha, ao vê-la em lágrimas, quis saber o que tinha acontecido**



**Fonte: Gustave Doré – Cinderela.**

O mais marcante dentro nos contos de fadas é a ideia de que as mulheres só podem ser salvas de sua carência financeira ou melhorar de vida por meio da relação com um homem, que seja rico e forte que transcende a aparência de homem perfeito. As meninas durante a infância vão aprendendo, então, a ter fantasias de que um dia alguém irá salvá-la de todos os problemas do mundo, invés de usar suas próprias capacidades e inteligência para resolver seus próprios problemas. As mulheres que são colocadas como heroínas dentro das histórias estão sempre buscando a aceitação do homem, para saber se estão realizando corretamente as coisas como ele deseja, e acreditam que adequar seu corpo à expectativa da mente dele, usando vestidos de apareça sua silhueta, cabelos bem peteados e arrumados é fundamental para que seja aceita (PEREIRA et al., 2018).

## **2.5 O Feminismo**

As mulheres desde a antiguidade tiveram seu próprio saber, que eram passados a cada geração, realizando partos, cultivo de ervas medicinais e cura dos doentes. Esses conhecimentos foram aumentando e assim transformando ameaça diante do restante da sociedade, por saberem mais do que lhes eram impostos. Com a “caça às bruxas”, no século XVI, grande parte dos acusados de realizar feitiçarias eram mulheres. Muitas foram torturadas e executadas, mas a maioria foram queimadas vivas. Segundo representantes da Igreja na Idade Média o demônio se apropria da sexualidade usando o corpo e a alma dos homens, submetendo-os através do seu controle e principalmente nos atos sexuais. Assim as mulheres foram ligadas diretamente a sexualidade, passando a ser “agente do demônio”, ou como eram chamadas na época, “bruxas” (MICHEL, 1982).

No movimento feminista as mulheres buscam pela sua igualdade de condições entre os homens para que tenham os mesmos direitos e oportunidades dentro da sociedade que luta contramanifestações machistas. Construindo então uma sociedade que possa oferecer igualdade de gênero (MARQUES, 2015). O feminismo no Brasil, ficou marcado por diversos resultado de lutas de grupos de mulheres, criando resistências em defesa de seus direitos, como afirma Woitowicz (2008) que “ao reconhecer o papel da mídia na produção de representações de gênero, os grupos de mulheres passam a lançar críticas ao tratamento de determinadas questões e à

propagação de valores de uma ideologia hegemônica que reforça a desigualdade entre homens e mulheres”, sendo que a mídia é uma das maiores ferramentas que transmite a mulher como uma imagem de ideal de beleza e aos papéis de dona de casa e mãe, mas ressaltando que o serviço doméstico é responsabilidade de todas e todos que partilham uma mesma residência, não apenas das mulheres, que em grande maioria, negras, pobres, sem escolarização, que passam a assumir as atividades na casa de outras famílias, deixando sua própria família para garantir moradia e comida para que possam sobreviver, colocando como pessoas marginalizadas, e passam a ser excluídas da sociedade (KRISTEVA, 1980).

Pelletier, em 1914, escreveu um manual para outras mulheres de como ser como os homens, carregando revólver, praticando educação física e principalmente em usar roupas masculinas, se libertando dos vestidos desconfortáveis, colocando como “roupas da escravidão”. Para Pelletier passar a ser comportar e vestir como os homens, tornando-as mais fortes para facilitar a entrada da mulher ao mundo dos homens, como uma espécie de provocação da sexualização dos corpos femininos (PELLETIER, 2005). Na ilustração de Gustave Doré sobre Cinderela, destaca a roupa feminina que insinuam e mostram o corpo feminino (figura 7), através da silhueta dos vestidos, destacando os seios, sendo formas de provocação vistos pelo olhar do homem. E as roupas masculinas que estão sempre escondendo o corpo, mostrando seriedade para o homem.



**Figura 7 – Como ela é bela!****Fonte: Gustave Doré – Cinderela.**

Durante séculos a figura feminina foi construída em uma sociedade patriarcal, em que as atribuições da mulher estavam sempre restritas ao afazeres domésticos e a educação de seus filhos. Desde de muito cedo meninas eram educadas para trabalhos domésticos, se casar e ter filhos (MARIA MARY et al., 2017). Podemos ver isso em evidência nos contos de Perrault, em que a mulher é colocada como “sexo frágil” em todas as suas tramas, deixando estereotipado as posições do homem e da mulher na sociedade, na ilustração feita por Gustave Doré (Figura 8) a Bela Adormecida, que ao espetar seu dedo em um instrumento de costura na idade média, cai em profundo sono e só acorda quando um príncipe vem por fim salva-la e todo o seu reino, colocando-a novamente em uma posição de sujeito inferior e incapaz (PEREIRA et al., 2018).

**Figura 8 – O fuso espetou-o na mão e caiu desmaiada.**



**Fonte: Gustave Doré – A Bela Adormecida do Bosque.**

### 3 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa foi de abordagem teórica. Constituem em um método de análise e estratégias, mapeando os estudos e interpretações das informações subjetivas dos autores. A opção pelo método de pesquisa é uma forma de investigar os fenômenos sociais da melhor maneira.

Segundo Dias, Machado e Lima (2008, p.7): “A abordagem teórica possibilita também a pesquisa interdisciplinar que explore, por exemplo, determinadas manifestações culturais”. Logo, proporciona uma melhor exploração, que acabam por ser construídos historicamente e socialmente, por ser imprescindível e ter uma ideia mais precisa sobre o tema em questão.

Para Baffi (2019) a pesquisa teórica busca reconstruir na teoria os conceitos e ideias de outros autores para uma melhor fundamentação referentes as pesquisa realizadas.

Esse tipo de pesquisa é orientada no sentido de re-construir teorias, quadros de referência, condições explicativas da realidade, polêmicas e discussões pertinentes. A pesquisa teórica não implica imediata intervenção na realidade, mas nem por isso deixa de ser importante, pois seu papel é decisivo na criação de condições para a intervenção. (Baffi, 2019, p. 1)

No primeiro momento, foi realizada uma revisão de literatura, para entender como a cultura visual, educação, gênero e sexualidade agem dentro dos contos de fadas. Gil (1991) aponta que as pesquisas descritivas “tem como propósito identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos”. Nesse sentido de buscar e identificar que as pesquisa caracteriza a relação entre o objeto estudado e suas variáveis, trazendo uma nova visão sobre a realidade dos temas já estudados.

No segundo momento, foi escolhido três contos de fadas escritos por Charles Perrault, Chapeuzinho vermelho, a Bela adormecida do Bosque, como intuito de tentar detalhar melhor sobre a mulher que são colocadas como protagonistas. A seleção foi de caráter eliminatório, que teve como objetivo buscar compreender o real motivo social do corpo feminino ser destacados a desigualdade de gênero, os contos escolhidos são mais populares entre crianças e adultos. Para Fernandes et al.

(2003) a pesquisa descritiva detecta algo que já foi conhecido, passa a se tornar importante nas relações entre as variáveis apresentadas, em que a pesquisa é fundamental em todos os ramos do conhecimento.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os contos de fadas não deixam dúvidas que sua apresentação se torna importante para a imaginação do ser humano, pois desenvolvem aspectos afetivos ao relacionar as histórias com suas vidas. No entanto, suas narrativas e principalmente as ilustrações que os acompanham, espalha ideias usando o corpo da mulher e instaurando os padrões de desigualdade. Os contos são muito utilizados como ferramentas pedagógicas dentro das escolas para trabalhar a imaginação das crianças, a pesquisa procurou apresentar novas abordagens para se trabalhar com os contos, buscando problematizar os valores e estereótipos apresentado nas ilustrações, pois é partir das imagens que são apresentados, com a educação em cultura visual pode-se buscar novas ideias que são adicionadas na sociedade.

O gênero é demarcado como uma construção social sobre as representações do homem e mulher, exaltando a dominação masculina, fazendo com que seja transpassado a submissão e fragilidade do feminino como hábitos naturais, mas em contraposição do que é passado pelos contos, a relação de gênero e sexualidade são apenas construções social que retificam as desigualdades dos homens com as mulheres personagens nos contos.

Convém enfatizar, que as mulheres são independentes, pois desenvolvem sua própria vida, desafiando o modelo de sociedade que é colocado como um corpo passivo que deixava os homens controlarem seu finais felizes, passando a ter total autonomia em seus pensamentos que só poderia ser salva por um príncipe que surge em sua vida, se contrapondo com a moral Cristã, devendo seguir os valores e tradições que lhes são empregados, os contos seguem essa ideia que se deve servir as classes dominantes por terem sido escritos por homens.

Utilizar a apresentação dos contos de fadas, voltadas ao respeito da mulher, buscando uma formação mais humana dos alunos, destacando a necessidade que questionar as imagens dos papéis que são representados. Refletindo que ser homem e

ser mulher, vai além das características apresentadas pelo binário de gênero, que coloca apenas duas formas de sexo. O príncipe nem sempre precisa salvar a princesa, e nem toda princesa precisa de um príncipe para conseguir se salvar.

As imagens que foram relacionado no texto, foram selecionadas para oferecer uma melhor compreensão do gênero e sexualidade sobre o corpo feminino representados nos contos de Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e a Bela adormecida do bosque.

## REFERENCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. **Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão.** Estudos Feministas, Florianópolis, p. 421-449, ago. 2011.

Ariès, Philippe. 1981. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: LTC Editora.

BAFFI, M. A. T. **Modalidades de pesquisa: um estudo introdutório.** 2016. Disponível em: Acesso em: 20.11.2019.

BERGER, John. **Modos de ver.** Lisboa: Edições 70, 1972.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte.** Brasília, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Editora Paz e Terra, 2002.

CHAUÍ, M. (1984). Contos de fadas. In: M. Chauí. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida.** (p. 32-54). São Paulo: Brasiliense.

CONTOS de Perrault. **Tradução: Regina Regis Junqueira.** 5. ed. atual. Belo Horizonte: Editora Italaia, 2013. 278 p. v. 8. ISBN 9788531908200.

DIAS, Belidson. **O I/Mundo da educação em Cultura Visual.** Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ *et al.* **Manual de Normatização da Diplomação do Departamento de Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura.** Departamento de Artes Visuais, Brasília, p. 1-24, 2008.

FERNANDES, Luciane Alves *et al.* **RELATÓRIOS DE PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: CARACTERÍSTICAS E MODALIDADES DE INVESTIGAÇÃO.** ConTexto, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 1-23, 11 fev. 2003.

MARIA MARY, Maria Mary *et al.* **FEMINISMO EM TEMPOS DE BARBÁRIE.** Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, [S. l.], 2017.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GUASCH, Ana María. **Los Estudios Visuales – Un Estado de la Cuestión**. In: Estudios Visuales, 1. Murcia: CENDEAC, p. 8-16, nov. 2003.
- HILLESHEIM, B. (2006). **Contos de fadas e infância(s)**. Educação e Realidade, 3 (1), 107-126.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **La necesidad de repensar la Educación de las Artes Visuales y su fundamentación en los estudios de Cultura Visual**. Congreso Ibérico de Arte-Educación, Porto, Portugal, nov. 2001.
- KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer História com imagens**. Arte e cultura visual. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.
- KRISTEVA, Julia. 1980 **Pouvoirs de l'horreur. Essai sur l'abjection**. Paris: Éditions du Seuil.
- MARQUES, Ana Maria. **Feminismos e gênero: uma abordagem histórica**. Revista Trilhas da História, Três Lagoas, v. 4, n. 8, p. 6-19, 17 jun. 2015.
- MENDES, Marisa B. T. **Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Unesp, 2000, 154p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/up000011.pdf>. Acesso em: 20.10.2019.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, História visual**. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.
- MICHEL, André. **O Feminismo: uma abordagem histórica**. Zaher, 1982.
- PELLETIER, Madeine. **Madeleine Pelletier – memórias de uma feminista**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.
- PEREIRA, Charliane Martins *et al.* **Representação feminina nos contos de fadas: uma análise a partir do conto cinderela**. Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS), São Luís, v. 4, p. 341-351, 1 nov./dez. 2018.

SCHNEIDER, R. E. F.; TOROSSIAN, S. D. **Contos de fadas:** de sua origem à clínica contemporânea. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 15, n. 12, p. 132 – 148, ago. 2009.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história:** uma introdução teórica metodológica. Dourados. MS: Ed.UFGD, 2012.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Páginas que resistem:** A imprensa feminista na luta pelos direitos das mulheres no Brasil. Niterói, Rio de Janeiro, p. 1-15, 2008.



